

A casa flutuante de Shu Lin

O trabalho de Shu Lin reverbera uma viagem existencial solitária e uma mobilização poética de solidariedade com o mundo. Suas pinturas expressam um imaginário fluido da habitação nômade, de uma complexa topologia de si mesma, à deriva e em contato, ambivalente, fundindo escalas planetárias a gestos tão diminutos e sutis do cotidiano. Seu ateliê está instalado em um sobrado amarelo onde a artista também reside. Além de cultivar cactos e suculentas no jardim, ela também se dedica obstinada à pintura encáustica, tendo criado um enorme acervo de obras ao longo das últimas quatro décadas. Conversando em sua casa-ateliê, buscamos chaves de leitura para sua poética, e elementos de sua biografia forneceram alguns caminhos para pensar com sua produção artística.

Hoje, com sua primeira exposição retrospectiva, **A casa flutuante**, Shu apresenta alguns frutos de sua produção artística que atravessa o cotidiano e a experiência de, ao mesmo tempo, migrar e construir os sentidos de um lar, de abrigo e acolhimento para além de paredes físicas de uma casa assentada em solo estável. Suas pinturas surgem de perseguições duradouras disparadas por objetos muito simples, corriqueiros, mas carregados de afeto e simbolismo. Uma viagem na qual se perturbam as escalas geográficas, as certezas e a aparente estabilidade de muitas coisas. São as quinas e cantos do ambiente construído da casa, telhados, janelas, fios dos postes, sua gatinha Mimi, palitinhos de fósforo, os temperos de sua cozinha, e as várias panelinhas usadas também em seu ateliê - fundamentais para o fazer artístico, pois nelas Shu derrete a cera e funde os pigmentos para construção da matéria básica de suas encáusticas.

Em cada tela individual e nas séries que compõem polípticos, Shu condensa elementos do cotidiano, composições ambíguas entre familiaridade e estranhamento, permanência e desaparecimento, solidez e fluidez. A série **Flutuantes** é síntese dessa operação: massas de cor dialogam a distância ou se justapõem formando outras imagens, conjuntos de ilhas na iminência do movimento, o que também aparece nos desenhos **Corpo Vivo**. E nas séries **Recortes** um estilhamento forma arquipélagos partindo de uma mesma paisagem ou arquitetura que se constroem e se desmancham simultaneamente. Uma tensão entre dentro e fora também se apresenta na série **Enigmas**, elementos que insinuam vastidões interiores, como linhas de um horizonte oceânico ou desértico que também habitam os cantos de um cômodo, de uma gaveta, ou de sonhos e memórias quase perdidos.

Shu nasceu e cresceu em Taiwan, uma ilha do Pacífico que viveu séculos de disputas e hoje configura um quebra-cabeça internacional, abrigando milhões de pessoas e um complexo industrial-tecnológico importante para a economia global. A ilha foi um domínio chinês por mais de 200 anos até ser chamada Formosa por exploradores portugueses e incorporada no fluxo trans-hemisférico de ocupações europeias no século XVII. Sua família chegou àquele território imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, quando findou o domínio japonês na ilha, exilados da China continental sob o governo de Tsé-Tung. Seu pai estava entre os nacionalistas que tornaram a ilha um espaço

para construção de uma outra China, em recusa àquela que se reconfigurava no continente, sob governo de Tsé-Tung. E sua mãe, de origem birmanesa, trazia outros elementos de memória e afeto para esse contexto de flutuações migratórias intensas que não só fizeram da ilha tão densa e complexa, como também deram contornos para o imaginário territorial em que Shu costurou as primeiras tramas de sua identidade.

Nesse lugar, as escalas mínimas do íntimo, familiar e local se enredam a escalas gigantescas do estranho, do externo e mundial. Esse é um aspecto constitutivo da poética fractal da artista, com composições que convidam o olhar ao mergulho para dentro e para fora de uma só vez. Outra flutuação migratória da família veio a alargar ainda mais sua cartografia, quando deixou a ilha com sua família, migrando para São Paulo, em 1966. Da adolescência e da vida adulta no Brasil, aprendeu a construir casa-longe-de-casa, um abrigo mais composto por afetos e identificações. Ao mesmo tempo, descobria uma língua para se entramar com mais culturas, histórias e relações, passando a viver o estranhamento de si e do mundo, construindo diversas familiaridades.

Nos anos 1980, Shu encontrou nas artes visuais e na educação artística seu caminho profissional. Estudou artes plásticas na FAAP e se especializou em arte-educação na ECA/USP, trabalhando com arte para crianças em escolas como Vera Cruz e Espaço Brincar, ao mesmo tempo que dava início a suas criações. O solo movediço que é base para a poética do abrigo que Shu vem desenvolvendo alargou-se ainda mais em seu horizonte oriental quando foi viver em outro país-arquipélago, o Japão, onde plantou o sonho de criar sua própria oficina de arte para crianças e se dedicar a pintar.

De volta a São Paulo, Shu abriu seu ateliê-escola, fundidos no dia-a-dia de sua casa amarela. Nesse fluxo de trocas, espalhou sementes e colheu frutos de um fazer minucioso, atenta a pequenos gestos, brotos buscando formulações para sua casa flutuante no espaço-tempo, ao longo de um trabalho criativo dedicado aos sentidos mutantes do abrigo na impossibilidade da fixidez. Nesta exposição retrospectiva de sua obra, apresentamos alguns dos alicerces móveis e das estruturas ambulantes que seu olhar afetuoso entre deslocamento e cotidiano vem traduzindo em imagens.

Curadoria e texto
Tálisson Melo